

Algumas considerações sobre a crítica hegeliana ao idealismo kantiano

Considerations on critical hegelian kantian idealism

Mateus Salvadori *

RESUMO: O pensamento kantiano é dualista, ou seja, ele distingue o fenômeno e o númeno, o finito e o infinito, o ser e o pensar. Portanto, não é possível conhecer o Absoluto. E mesmo buscando o conhecimento do Absoluto, a razão se perde em paralogismos e antinomias. Já o pensamento hegeliano é monista, ou seja, não há a distinção entre fenômeno e númeno, finito e infinito, ser e pensar. Assim, é possível conhecer o Absoluto. Hegel entende a realidade não como substância, mas como sujeito, espírito. Para ele, o espírito é infinito. E isso vale para todo o real desde as suas partes como em seu todo. Ele busca destacar que a realidade não é uma coisa, uma substância, mas é processo, é movimento. A realidade entendida como espírito tem uma vida própria, tem um movimento dialético. Desta forma, a parte é indispensável ao Absoluto.

PALAVRAS-CHAVE: Kant, Hegel, idealismo, entendimento, razão.

ABSTRACT: The kantian thought is dualistic, ie it distinguishes the phenomenon and noumenon, finite and infinite, being and thinking. So it is not possible to know the Absolute. And even seeking the knowledge of the Absolute, the reason is lost in paralogisms and antinomies. Already hegelian thought is monistic, ie there is no distinction between phenomenon and noumenon, finite and infinite, being and thinking. Thus, it is possible to know the Absolute. Hegel understands the reality is not as substance but as subject, spirit. For him, the spirit is infinite. And that goes for all reality since its parts as a whole. He seeks to emphasize that reality is not one thing, a substance, but the process is moving. The reality is understood as a life of its own spirit, has a dialectical movement. Thus, the essential part is the Absolute.

KEYWORDS: Kant, Hegel, idealism, understanding, reason.

Introdução

É possível uma filosofia pós-kantiana que quer conhecer novamente o Absoluto? O presente trabalho visa investigar a discussão entre as filosofias de Kant e Hegel. Enquanto o primeiro tem como objetivo demonstrar a impossibilidade da metafísica como ciência e, portanto, concluir que as Idéias metafísicas não têm um uso constitutivo de conhecimento, podendo somente ser usadas de modo regulador, o segundo busca retomar a metafísica, resgatando os seus objetos que foram extintos na

* Doutorando em Filosofia - PUCRS – Contato: mateusche@yahoo.com.br

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

filosofia kantiana. O idealismo transcendental sustenta o conhecimento somente de objetos conhecidos espaço-temporalmente. O Absoluto, desta forma, é incognoscível.

Hegel, contrapondo-se a Kant, opera um resgate da metafísica como conhecimento do Absoluto. Para Hegel, o Absoluto é o verdadeiro princípio de toda a filosofia e o papel da filosofia é expô-lo em pensamento. O Absoluto é movimento, constante devir. Segundo Hegel, Kant reduziu a filosofia à reflexão abstrata, que se funda na base de oposições excludentes. Hegel busca levar a filosofia à verdadeira unidade dos opostos e, uma vez que esta unidade deve ser viva, não pode ser estática e abstrata, mas tem de ser dinâmica.

1. Entendimento e razão

O movimento do espírito é circular, ou seja, ele reflete-se em si mesmo. Isso é visível no seguinte trecho: “a lógica têm, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente racional; c) o especulativo ou positivamente racional”¹. Portanto, esse movimento divide-se em três momentos: o ser em-si (o lado abstrato ou intelectivo); o ser outro ou fora-de-si (o lado dialético em sentido estrito ou negativamente racional); o ser para-si (o lado especulativo ou positivamente racional).

O primeiro momento é compreendido pela faculdade do intelecto que abstrai conceitos determinados e se detém na determinação dos mesmos. Porém, isso não significa que o intelecto é desnecessário. A filosofia, segundo Hegel, deve começar por ele. Todavia, ela deve superá-lo, pois ele apresenta um conhecimento inadequado permanecendo encerrado no finito. O trabalho do intelecto é distinguir e separar e, por isso, o intelecto apresenta um conhecimento inadequado. O conteúdo nunca é um dado isolado.

A razão vai além do intelecto. Ele tem um estágio negativo e um outro positivo, que são respectivamente o segundo e o terceiro momento da dialética. O momento negativo remove a rigidez do intelecto. Assim, toda determinação do intelecto se transforma numa determinação contrária. Conforme Reale e Antiseri,

o conceito de “uno”, tão logo é extraído de sua rigidez abstrata, requer o conceito de “muitos”, mostrando estreita ligação com ele (não podendo pensar o *uno* de modo rigoroso e adequado sem a relação que o liga com os *muitos*), podendo-se dizer o mesmo para os conceitos de “semelhante” e “dessemelhante”, “igual” e “desigual”, “particular” e “universal”, “finito” e “infinito”, e assim por diante. Aliás, cada um desses conceitos dialeticamente considerados parece inclusive “transformar-se” no próprio oposto e como que “dissolver-se” nele².

¹ HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 159.

² REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Paulus, 2005, p. 107.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O momento do negativo na dialética consiste na falta que cada oposto revela quando se defronta com o outro. Essa falta é relevante, pois é por meio dela que ocorre a busca de uma síntese superior. O momento culminante da dialética é a síntese superior, é o momento especulativo, é o momento positivo. Aqui há a resolução dos opostos, ou seja, a síntese dos opostos, a união dos opostos. Assim, a lógica de Aristóteles permanece encerrada nos limites do intelecto. Em contrapartida, a proposição especulativa, que é própria da razão, supera a rigidez do intelecto e expressa o movimento dialético. Segundo Cirne-Lima, “dialética é o Jogo de Opostos, sim, mas sempre de Opostos Contrários, jamais de Opostos Contraditórios”³.

O lado especulativo, que designa a filosofia especulativa, é a unidade do lado do entendimento e do lado dialético. Portanto, a filosofia especulativa não rejeita o lado do entendimento, mas afirma que ele não dá conta de capturar toda a realidade e jamais conhecerá o Absoluto. Já o momento dialético caracteriza-se por conhecer o infinito e frente às contradições, ele as supera através da passagem das determinações aos seus opostos.

Porém, a grande novidade apresentada por Hegel é o terceiro momento, denominado de especulativo. É ele que apreende a unidade na sua oposição. “O resgate da metafísica só é possível, portanto, mediante uma filosofia especulativa para a qual a aparente dispersão e multiplicidade do mundo finito nos possa levar a uma unidade da diferença unidade essa que é a Razão, ou o Absoluto”⁴. Desta forma, Hegel deixa claro que a apreensão do Absoluto não pode ser feita por meio do entendimento, como fez o projeto crítico de Kant. Na obra *Ciência da Lógica*, Hegel expõe novas categorias para explicar a exposição do Absoluto na multiplicidade do mundo. O grande passo não dado por Kant, Hegel deu, que foi identificar a identidade entre pensamento e realidade.

Hegel, tal como Kant, distingue o entendimento da razão⁵. A ciência é, para Kant, obra do entendimento analítico. Essa visão é redutora. Em Hegel, o entendimento é integrado na dinâmica da razão e esta, como razão concreta e dialética, é a forma mais adequada de pensar o real. A raiz das contradições da filosofia kantiana está no fato de que o pensamento é movido pelo entendimento. Ele separa, divide, limita, isola, cria oposições, fomenta dualismos; já a razão, une. O entendimento opera na finitude mediante distinções e abstrações; a razão busca restabelecer as relações que unem os diferentes momentos do conhecimento.

O entendimento é capaz de pensar somente objetos finitos e condicionados, ou seja, fenômenos e é nele que a metafísica seria possível como ciência. Conforme Hartmann, o entendimento

³ CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel*. Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 115. Ver também Cf CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996, p. 106.

⁴ BORGES, Maria de Lourdes Alves. *História e Metafísica em Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 83.

⁵ A reflexão, para Hegel, é a reflexão da razão e não do entendimento como observava Kant. Conforme Salgado, “a relação pode ser formal, do entendimento, caso em que a reflexão pára na fixidez dos pólos; ou dialética, em que os pólos se consomem num movimento tal que um pertence ao outro por mudança recíproca” (SALGADO, Joaquim Carlos. *A idéia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 128).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

“só vê o parcial, não o todo”⁶. A razão é que pensa o todo, a unidade além do mundo empírico, ou seja, conceitos infinitos e incondicionados. Enquanto o entendimento encerra-se em dados empíricos, a razão vai além dos limites da experiência. Porém, esse conhecimento da razão, por não ter nenhuma correspondência com os dados empíricos, não tem validade científica. O entendimento formula juízos que podem ser verificados e legitimados pela intuição. A razão profere silogismos sobre puros conceitos ou idéias. Contudo, ao mesmo tempo em que o entendimento é inimigo da razão concreta, ele lhe é indispensável. A verdade antes de Hegel era obra do entendimento; a verdade em Hegel é obra da razão concreta. A razão ontológica revela-se como totalidade dinâmica, dialética, progressiva, como unidade que não admite nada fora dela. Hegel tem a necessidade de superar as abstrações e separações do entendimento e, discordando de Kant, ele irá dizer que tudo na realidade está em relação e a relação sujeito-objeto é apenas um caso disso.

As grandes concepções de verdade anteriores a Hegel são dualistas. Por exemplo, conforme Kant, se a realidade numênica é incognoscível e apenas se conhece os fenômenos, então a verdade não é a adequação do pensamento ao real. O sujeito kantiano não é substancial, mas transcendental. Hegel não é dualista como a maioria dos filósofos anteriores a ele. Se nas filosofias anteriores a verdade é obra do entendimento, em Hegel é tarefa da razão. A verdade é o todo. A sua visão é relacional, verdade como totalidade orgânica, como processo, ou seja, a verdade se constitui progressivamente e o absoluto se conhece dinamicamente. A razão supera o entendimento e a intuição sensível, pois são unilaterais, a parciais e a incapacidade de uma visão relacional.

2. A superação do idealismo transcendental: a verdade está no Absoluto

Hegel pretende superar o idealismo transcendental kantiano⁷. Para ele, o princípio explicador da realidade (denominado ora de o Lógico, ora a Idéia, ora o Conceito, ora a Razão) é processo, é dinâmico e entende que ser e pensar são idênticos⁸, ou seja, compartilham de uma mesma lógica e fazem parte de uma mesma totalidade. Tudo o que há está no Absoluto. Assim, não resta dúvidas de que ele é o verdadeiro. Hegel opõe

sua concepção do verdadeiro, que inclui em si a mediação, a todo o sistema que põe a Verdade, o Verdadeiro como um imediato, um ser, uma substância que está além

⁶ HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. Trad. José Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, p. 359.

⁷ Conforme Saña, “Hegel nega a coisa-em-si kantiana e afirma que entre o sujeito e o mundo não existe nenhuma verdade independente e inacessível” (SAÑA, Heleno. *La filosofía de Hegel*. Madrid: Editorial Credos, 1983, p. 31).

⁸ Segundo Nóbrega, “tudo o que existe é conhecível e se traduz em categorias universais. Isto importa, para Hegel, em afirmar que Ser e Conhecer são a mesma coisa. E sem afirmar esta identidade entre Ser e Conhecer, Hegel acha que não poderia afirmar que tudo o que existe é traduzido em universais e idêntico a estes universais” (NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 64).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

da mediação. A mediação [...] não é estranha a esse verdadeiro; está nele, ou, em outros termos, o verdadeiro é sujeito e não substância⁹.

Um dos fundamentos da filosofia hegeliana é entender a realidade como sujeito, como espírito infinito. O mundo não deve ser compreendido como substância, mas como sujeito. A fim de construir o sistema científico de verdade, Hegel pretende produzir a coisa em conceito. Em suas palavras, “colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo – é isto o que me proponho”¹⁰. O romantismo pretendia captar a verdade por meio da intuição, do saber imediato. Hegel, em contrapartida, ressalta que a verdade está na ciência, no conceito. Assim, ele pretende instalar uma filosofia que chegue ao espírito absoluto, uma filosofia da unidade do ser e do pensar. Ao “expressar o verdadeiro não como substância, mas [...] como sujeito”¹¹, ele está superando o espinosismo e o panteísmo de Schelling e voltando ao subjetivismo de Fichte e de Kant. Desta forma, o Absoluto será o saber de si no saber da consciência. Conforme Meneses,

Quem diz substância diz ser, que é o objeto imediato para um saber, também imediato, de um universal. Uma dupla imediatez, portanto. Ora, os predecessores não foram além desse nível. Spinoza escandalizou porque foi de encontro à certeza instintiva: sua substância abolia a consciência-de-si (a subjetividade verdadeira). Kant e Fichte ficam presos no universal: seu ‘pensamento como pensamento’ não passa de uma substancialidade imóvel e indiferenciada. Até mesmo Schelling, tentando unificar ser e pensamento através da intuição imediata, recai na simplicidade inerte e não dá conta da realidade verdadeira¹².

De Fichte, Hegel explora a não cisão do sujeito e do objeto e de Schelling, destaca a identidade vazia¹³. Superando a filosofia de Fichte e de Schelling, Hegel salienta que o espírito é infinito. E isso vale para todo o real, desde as suas partes como em seu todo. Hegel busca destacar que a realidade não é uma coisa, uma substância, mas é processo, é movimento¹⁴. A realidade entendida

⁹ HYPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p. 96.

¹⁰ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 5º ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 27.

¹¹ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 5º ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 34.

¹² MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1985, p. 15.

¹³ Conforme Inwood, “Hegel não é um idealista subjetivo: não acreditava que os objetos como tais, ou como nós os conhecemos, sejam produzidos por, ou seja, minhas ou nossas representações sensoriais. Tal doutrina não pode fazer jus à dependência do espírito finito da natureza. Mas, sobretudo, é uma doutrina vazia: fala-nos sobre o status ontológico de objetos e idéias, mas nada sobre o seu conteúdo. Ele é, por contraste, um idealista absoluto” (INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 166).

¹⁴ “A substância viva é o Ser que, a falar verdade, é Sujeito ou, o que vem a dar no mesmo, é o Ser que apenas é verdadeiramente real na medida em que a própria substância é movimento para se estabelecer a si mesma, ou mediação entre o seu próprio tornar-se-outro e ela em si” (PAPAIOANNOU, Kostas. *Hegel*. Trad. Ana Maria Patacho. Lisboa: Editorial Presença, 1964, p. 149).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

como Espírito tem uma vida própria, tem um movimento dialético. Desta forma, a parte é indispensável ao Absoluto. Isso é exemplificado na seguinte passagem:

o botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-afí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo¹⁵.

Com esse exemplo fica claro que a realidade não é estática, mas dinâmica e em todos os seus momentos há contradições, mas mesmo assim não ocorre a perda da unidade, que leva a um auto-enriquecimento. Esse movimento é chamado de dialética. Diferentemente da concepção de Platão¹⁶, Hegel entende que a dialética não é apenas um método para pensar a realidade, mas é o próprio movimento real da realidade. A realidade é um contínuo devir, onde um momento prepara o outro, mas para esse outro acontecer, o anterior tem de ser negado. A única forma de captar a dialética da realidade é afastando-se do entendimento comum e aproximar-se no ponto de vista do Absoluto. Esse itinerário é exposto na obra *Fenomenologia do Espírito*. Ao alcançar o saber absoluto, supera-se o entendimento finito e se alcança a Razão. Há a união do ser e do pensar, da subjetividade e da objetividade.

A realidade não é substância, ou um ser enrijecido, mas sujeito, atividade, processo, automovimento, espírito. O Absoluto não é apenas substância, mas é também sujeito. Pode-se comparar o Absoluto de Hegel com o Deus em outros sistemas, porém é inconcebível considerar o Absoluto ou o Espírito hegeliano como um Deus transcendente, sobrenatural. A filosofia, segundo Hegel, trata sobre o Absoluto e ele é a totalidade. Spinoza sublinhava que o Absoluto, sendo a totalidade da realidade, é uma substância infinita. Para Hegel, o Absoluto é o sujeito, que está sempre em processo e se desenvolve na Idéia, na Natureza e no Espírito.

O Absoluto é também resultado, pois a verdade somente se realiza no seu fim, no conjunto do seu desenvolvimento. Desta forma, ele não se dá imediatamente conforme uma intuição intelectual. A identidade entre o sujeito e o objeto não é inicial, mas terminal. Isso é visível na *Fenomenologia do Espírito*, onde o saber absoluto não está no início, mas no seu fim.

O todo é a verdade. Por isso, a filosofia possui um caráter sistemático¹⁷. No prefácio da *Fenomenologia*, Hegel diz que “o saber só é efetivo – e só pode ser exposto – como ciência ou como

¹⁵ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 5^o ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 26.

¹⁶ Segundo Gadamer, “Hegel foi o primeiro em captar a profundidade da dialética platônica. É o descobridor dos diálogos platônicos propriamente especulativos, *Sofista*, *Parmênides* e *Filebo*” (GADAMER, Hans Georg. *La Dialectica de Hegel*. Trad. de Manuel Garrido. 3^o ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1988, p. 13).

¹⁷ O sistema hegeliano visa a totalidade, dando conta de todos os ramos do saber. Ele pretende, através da dialética, captar uma unidade orgânica nas ciências. Ele é composto pelos seguintes momentos: “o da sua

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

sistema”¹⁸. Essa totalidade não é caracterizada por uma harmonia, mas é a síntese da unidade e da negatividade. Ela não está estática, mas em movimento, pois ela está viva. O todo não é exprimido somente por seu resultado final, nem pelo seu início, mas pelo conjunto de todos os seus momentos.

Desta forma, se o mundo é uma totalidade orgânica e se move como um ser vivo, “toda concepção estática e acabada do seu conhecimento, todo corte da intuição sensível ou do entendimento abstrato é ilegítimo”¹⁹. Compreender que o verdadeiro é o sujeito é dizer que as idéias têm existência objetiva, que elas têm devir e vida. O sujeito não é o Eu do idealismo subjetivo. O pensamento tem uma realidade objetiva e não é mero fenômeno subjetivo. A incognoscibilidade da coisa-em-si gera um afastamento do conhecimento especulativo e uma aproximação do senso comum. Hegel pretende superar a incognoscibilidade da coisa-em-si. Com a *Fenomenologia*, o autor se livra das perturbações da consciência. Com a superação das cisões, Hegel pretende solucionar os problemas levantados por Kant. Se para Kant há uma cisão entre ser e pensar, para Hegel, ambos são a mesma coisa. Assim, Hegel unifica a lógica – as categorias do pensamento subjetivo – com a ontologia – as categorias do ser.

Apesar da divergência que há entre as filosofias de Hegel em relação a de Kant, a base filosófica para o surgimento do idealismo absoluto se encontra na filosofia Kantiana, que é o Eu penso. Para Kant, tudo o que é conhecido deve estar em relação com o Eu penso. Todavia, existe um elemento exterior à autoconsciência: a coisa-em-si. E é justamente a coisa-em-si que impede o Eu penso em se converter em princípio absoluto, sendo a origem das aporias encontradas em sua filosofia. Hegel irá retomar o Absoluto como objeto do conhecimento. Isso pressupõe uma crítica à filosofia kantiana. Se Kant visa delimitar o espaço do saber para buscar um lugar para a crença, Hegel salienta que essas são duas formas de tratar o mesmo objeto.

Kant pretendia pôr limites ao conhecimento humano e demonstrar que a metafísica é impossível como ciência. Ele mostra que os conceitos puros do entendimento não podem representar objeto algum e as idéias da razão estão mais afastadas da realidade objetiva do que as categorias. “O deslocamento do idealismo transcendental ao idealismo absoluto faz-se mediante uma transformação da idéia reguladora de Deus – sob a forma, entre outras, do intelecto intuitivo – para uma idéia

constituição, que é apresentado na *Fenomenologia do Espírito*, obra na qual a consciência – o que o ser é para si – ao esbarrar no em si que é necessário para a sua afirmação, toma configurações diversas até ao momento em que descobre a não-diferença do em-si e do para-si, isto é, o Espírito; o da sua realização, cujo cerne está na *Ciência da Lógica* e a exposição completa na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*; o da sua manifestação, cujas expressões mais importantes são a *Estética*, a *Filosofia da Religião*, inseparáveis por sua vez das *Lições sobre a Filosofia da História*” (CHATELÉT, François. *O pensamento de Hegel*. Trad. de Lemos de Azevedo. 2º ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 62).

¹⁸ HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 5º ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 38.

¹⁹ GARAUDY, Roger. *Para conhecer o pensamento de Hegel*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, p. 28-9.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

constitutiva de um intelecto infinito”²⁰. Kant elabora um projeto que não visa a totalidade e critica todas as idéias que expressam o incondicionado; Hegel, ao contrário, pretende conhecer o Absoluto. Essa é a grande diferença entre os dois projetos. Kant pretende conduzir a filosofia pra o caminho seguro da ciência. Para isso, ele define e delimita o exercício da razão. Hegel volta-se contra o pensamento kantiano quando este considera a razão como um postulado subjetivo e quando ele restringe a metafísica ao âmbito do entendimento.

Hegel inova com a superação dos dualismos, recuperando a unidade. Se o Absoluto foi objeto da filosofia para os pensadores pré-hegelianos, em Hegel é tomada uma nova acepção. O Absoluto já fora o divino, mas para Hegel ele é a totalidade, a identidade entre real e racional, entre Deus e o universo (monismo panteísta), a unidade absoluta e não o absoluto transcendente. O “Absoluto corresponde precisamente ao processo mediante o qual a substância se torna sujeito e coincide consigo no seu saber de si”²¹. Ao contrário de um Absoluto estático que se encontra em Spinoza, em Hegel ele passa a ser visto como mutabilidade, processo. A razão deixa de ser meramente gnoseológica e passa a ser ontológica e, conseqüentemente, a verdade é o todo. A razão readquire um poder ilimitado, é razão metafísica, ao contrário da razão kantiana que estabelece limites, demarcando as esferas do saber.

Hegel, na *Ciência da Lógica*, enfatiza que um povo sem metafísica é um povo sem essência. Por isso, ele pretende reconquistar os objetos perdidos pela filosofia kantiana. A *Lógica* retoma a ontologia, ou seja, um projeto que pretende dizer o ser e não apenas o fenômeno. A sua *Lógica* não é nem uma lógica formal e nem uma lógica transcendental. As categorias estudadas por ele não são categorias somente do pensamento, mas também do ser. Será que a metafísica de Hegel, que encontra o seu cerne na *Lógica*, não seria uma volta à metafísica antiga? Quando Kant afirma a impossibilidade de se conhecer a coisa-em-si, ele diz também que para conhecê-la é necessário possuir um outro tipo de intuição diversa da intuição sensível, ou seja, uma intuição intelectual. Porém, Hegel é claro ao dizer que o acesso do Absoluto via a intuição é impossível.

Hegel retoma os objetos da antiga metafísica e considera objetos de um conhecimento possível, todavia, recusa o seu método. Essa metafísica antiga mantinha uma relação unilateral com o conhecimento, onde a consciência era submetida à realidade exterior a ser apreendida tal qual é. Hegel constrói uma metafísica que dê conta da objetividade de uma forma crítica. Já a metafísica pré-crítica mantinha-se na crença da possibilidade da apreensão ingênua da verdade do mundo, pensando assim que se pudesse chegar ao conhecimento do Absoluto por meio da mera atribuição de predicados finitos. Conforme Hegel,

essa metafísica [a antiga metafísica] considerava as determinações-de-pensamento como as determinações fundamentais das coisas. [...] Aquela metafísica pressupunha, em geral, que o conhecimento do absoluto se poderia obter desta

²⁰ BORGES, Maria de Lourdes Alves. *História e Metafísica em Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 97.

²¹ ROSENFELD, Denis. *Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 48.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

maneira: por lhe serem atribuídos predicados; e não examinava nem as determinações-de-entendimento segundo seu conteúdo e valor próprios, nem tampouco essa forma, a de determinar o absoluto pela atribuição de predicados²².

Pensar uma metafísica pós-kantiana é uma tarefa difícil. Kant, com o seu projeto crítico, delimita o conhecimento e sublinha que é impossível conhecer o Absoluto, pois ele trata-se do objeto de uma crença racional, não de um saber. Hegel constrói uma metafísica e, ao contrário com a de Kant, pretende conhecer o Absoluto.

Hegel, apesar de considerar a antiga metafísica superior à filosofia crítica, aponta que ela errou em considerar que podia chegar ao conhecimento do Absoluto, atribuindo ao Absoluto predicados que não o esgotam. É impossível atribuir predicados de entidades finitas para entidades infinitas, pois isso em cair em antinomias, como bem mostrou Kant. Então, como conhecer o Absoluto? Hegel não volta à metafísica, mas apenas se inspira nela. A grande diferença de Hegel e dos filósofos antigos está no modo de apreender os objetos: não mais por meio de representações, mas pelo pensamento. A representação conhece os objetos por meio do entendimento, ou seja, toma os objetos isoladamente e eles são a soma das determinações isoladas. Hegel propõe a filosofia especulativa para não cair na parcialidade do entendimento. Por fim, “Hegel faz do idealismo absoluto o emblema de sua filosofia”²³. Em suas palavras,

as coisas, sobre as quais sabemos imediatamente, são simples fenômenos, não apenas para nós, mas em si, e que a determinação própria das coisas pode também ser designada como idealismo; todavia – diferentemente desse idealismo subjetivo da filosofia crítica – como idealismo absoluto²⁴.

Pode-se ver que o ponto de partida da *Crítica da Razão Pura* é diferente da *Fenomenologia do Espírito*. Kant considera o conhecimento como um instrumento. Hegel critica essa visão kantiana afirmando que é impossível a existência do Absoluto separado do conhecimento e vice-versa. Hegel é monista e afirma que a coisa-em-si e o fenômeno não são dois mundos separados. Conforme Garaudy,

Hegel assim dava fim a todas as ‘robinsonadas’ filosóficas do idealismo subjetivo e de todas as suas variantes, que tomam por ponto de partida uma ilusória consciência pura, arbitrariamente separada da realidade, e que é, além disso, uma consciência estritamente individual. Hegel teve o mérito de renunciar a esta dupla abstração: a consciência está sempre imersa na realidade e é sempre social, portadora de uma ‘cultura’ e de uma história que é a da espécie, de seu trabalho, de suas conquistas²⁵.

²² HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 90.

²³ KERVÉGAN, Jean-François. *Hegel e o hegelianismo*. Trad. Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008, p. 111.

²⁴ HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 116.

²⁵ GARAUDY, Roger. *Para conhecer o pensamento de Hegel*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, p. 45.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O ponto de partida hegeliano é o Absoluto e ele se identifica com a razão. Portanto, tudo o que existe é manifestação da razão. A razão não é estática, ou apenas uma faculdade captadora de conceitos, sendo, portanto, subjetiva, mas ela é dinâmica. Hegel pretende ir além da filosofia de Spinoza, de Kant, de Fichte e de Schelling. Ele propõe instaurar uma filosofia idealista, que chegue ao Espírito Absoluto, alcançando a unidade do ser e do pensar. Sua filosofia pensa o Absoluto como sujeito e isso é o mesmo que pensar o mundo em sua totalidade e em seu devir histórico.

O problema do idealismo de Kant, segundo Hegel, está nas oposições fixadas, que são fundidas nos dualismos intransponíveis, como o da razão e do entendimento. “A unidade que a Idéia da Razão deveria fornecer se reduz a uma identidade formal, de caráter regulador, porém totalmente desprovida de conteúdo e determinação, que se justifica pela manutenção da oposição”²⁶. Quando Kant promove o entendimento e não a razão como o método de conhecimento da realidade, mostrando que as verdades acerca da realidade são os conceitos fixos e excludentes, ele acaba expondo uma ontologia que exclui qualquer forma de relação ou de mútua referencialidade. As antinomias da razão acabam reproduzindo a posição entre o modo de conhecer os fenômenos pelo entendimento, ou seja, pelos silogismos empíricos, e pela razão, através dos silogismos dogmáticos. O esclarecimento do conflito entre os conceitos se resolve pela delimitação das duas formas distintas de pensar os objetos: como fenômenos ou como conceito.

Hegel conclui que o pensamento de Kant tem por base um dualismo intransponível entre a razão e o entendimento. Por isso, ele condena a filosofia transcendental, pois ela restringe o pensamento filosófico ao entendimento – sendo incapaz de apreender a realidade em sua verdade. Kant cinde o sujeito que conhece e o objeto conhecido e é incapaz de pensar a inter-relação entre ambos. O sujeito jamais encontrará a sua própria essência, limitando-se a conhecer o mundo e a si mesmo somente pela aparência. Hegel nega a distinção entre a natureza e o espírito, entre o finito e o infinito, entre ser e pensar, entre fenômeno e o núneno.

Kant parte com a reflexão sobre a ciência físico-matemática no intuito de estabelecer as distinções entre a ciência e a metafísica, demonstrando a impossibilidade da metafísica como ciência e a incognoscibilidade do Absoluto. Hegel parte da existência indiscutível do Absoluto e se opõe a todas as formas de dualismos, defendendo a identidade entre ser e pensar. Para Kant, o pensamento é legislador do mundo cognoscível e afirma que a condição para a existência do conhecimento é o Eu como princípio da consciência. Por isso, o verdadeiro princípio especulativo, para Hegel, inicia por Kant, pois deve existir um sujeito que possibilite o conhecimento. Enquanto Kant anuncia o que não pode ser a metafísica, Hegel anuncia o que ela pode ser.

²⁶ FELIPPI, Maria Cristina Poli. *O espírito como herança: as origens do sujeito contemporâneo na obra de Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 50.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi investigar a crítica que o idealismo absoluto hegeliano fez ao idealismo transcendental kantiano. O resultado obtido dessa discussão reside em compreender o projeto hegeliano como uma retomada da metafísica como possibilidade de conhecer o Absoluto.

Para Hegel, a filosofia crítica é aquela que antecipou a identidade entre ser e pensar. Kant é o filósofo que chegou ao limite dessa discussão, porém não foi capaz de afirmar essa identidade. Por isso, Hegel, com o seu idealismo absoluto, irá superar os impasses do idealismo transcendental kantiano. O ponto de partida do pensamento hegeliano é Kant. Hegel percebe que as categorias não são somente expressões de nosso modo de conhecer. Elas devem ter também validade para as coisas mesmas. Kant diz que o saber se encerra no sujeito. Já Hegel, diz que o verdadeiro saber deve abarcar tanto o sujeito como o objeto. O ponto de partida do pensamento de Hegel é o princípio do sujeito. Em Kant, o sujeito está separado do Absoluto e da substância. Há um elemento exterior da consciência que permanece desconhecido, que é a coisa-em-si. Para Hegel, nada pode ser exterior da consciência.

Enquanto Kant salienta que o entendimento é a faculdade de conhecer por conceitos, Hegel afirma que o entendimento ou a razão abstrata é a faculdade da unilateralização, que separa, isola e abstrai a realidade; enquanto Kant ressalta que o entendimento distingue-se da razão porque une numa representação intelectual a representação sensível, Hegel diz que o entendimento distingue-se da razão porque corresponde ao finito, voltando-se apenas a uma das partes e não para o todo; enquanto Kant diz que a razão se caracteriza pela busca do incondicionado e tende a ir além do fenômeno, pois não se contenta com as sínteses do entendimento, Hegel ressalta que a razão pensa e conhece a realidade, o Absoluto.

Referências

- BORGES, Maria de Lourdes Alves. *História e Metafísica em Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- CHATELÊT, François. *O pensamento de Hegel*. Trad. de Lemos de Azevedo. 2° ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- FELIPPI, Maria Cristina Poli. *O espírito como herança: as origens do sujeito contemporâneo na obra de Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- GADAMER, Hans Georg. *La Dialectica de Hegel*. Trad. de Manuel Garrido. 3° ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1988.
- GARAUDY, Roger. *Para conhecer o pensamento de Hegel*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.
- HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. Trad. José Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência de la lógica*. Trad. de Augusta y Rodolfo Mondolfo. 5° ed. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1982.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I*. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 5° ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2008.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

- HYPPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- KERVÉGAN, Jean-François. *Hegel e o hegelianismo*. Trad. Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008.
- MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- PAPAIOANNOU, Kostas. *Hegel*. Trad. Ana Maria Patacho. Lisboa: Editorial Presença, 1964.
- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Paulus, 2005.
- ROSENFELD, Denis. *Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- SALGADO, Joaquim Carlos. *A idéia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SAÑA, Heleno. *La filosofía de Hegel*. Madrid: Editorial Credos, 1983.

Recebido em 19-08-2010 e aceito para publicação em 04-11-2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.192-203
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------